

A difícil tarefa de Nádia: garimpar doadores para transplantes

Foto de Cristina Fonseca

Ao longo dos últimos três anos, a enfermeira Nádia Cristina Fonseca fez um total de 800 visitas a pacientes com morte cerebral, para uma avaliação da possibilidade de serem doadores de órgãos e para tentar obter das famílias consentimento para um transplante. Coordenadora do Programa de Treinamento de Doações do Instituto do Coração (Incor), em São Paulo, a enfermeira conta que apenas 46 transplantes foram realizados após essas centenas de visitas. Além da resistência das famílias, que, em 40 por cento dos casos, se negaram a atender ao pedido, a maioria dos pacientes observados não se enquadrava nas exigências — a idade, por exemplo, que tem de ser inferior a 35 anos — para a realização da cirurgia.

Após esse prolongado contato com famílias de vítimas de morte cerebral, a Coordenadora do Programa de Doações do Incor tem mais ou menos traçado um perfil daquelas que permitem as doações.

— De um modo geral são pessoas de nível sócio-econômico mais baixo,

são religiosas e entendem o ato de doação como uma oportunidade de fazer a caridade. Percebemos também que o contato é bem mais fácil com famílias que têm muitos filhos, e nas quais a dor da perda parece não ser tão intensa. De qualquer maneira é uma decisão difícil; os contatos têm de ser feitos com muito cuidado.

A equipe do programa de doações mantém-se em contato permanente com hospitais localizados em um raio de 300 quilômetros da Grande São Paulo, para obter notícias sobre prováveis doadores de órgãos. Mediante o aviso de que alguém teve morte cerebral, a Coordenadora parte para o local, primeiramente para uma avaliação do estado do paciente. Atendidas as exigências clínicas, a segunda fase é o contato com a família. Diz a Coordenadora que a parte mais simples de sua missão é ir ver o paciente e fazer a avaliação. Para acertar todos os pormenores de uma cirurgia de transplante, a Coordenadora conta com um prazo máximo de 15 horas: 12 após a constatação da

morte do cérebro e outras três, tempo máximo para a retirada de um órgão a ser transplantado.

Lamentavelmente, de acordo com a Coordenadora do Programa de Treinamento de Doações, por diversas vezes ao longo dos três últimos anos um transplante de coração não pôde ser realizado, apesar do consentimento da família. Isso porque o paciente com morte encefálica não tinha recebido os cuidados mínimos indispensáveis na Unidade de Tratamento Intensivo. Entre outros itens de uma extensa lista de procedimentos para que os órgãos de pacientes em morte encefálica possam ser transplantados a enfermeira citou: aquecimento em colchão térmico; e controle da temperatura, da pressão arterial e da diurese, para que seja evitada a perda de líquidos do organismo.

Diz a Coordenadora do Programa do Incor que todo esse seu trabalho é recompensado pela felicidade do receptor ao retornar após a operação, com um coração novo.



Pelas contas de Nádia, 800 visitas